



O ESPETÁCULO DEMOCRÁTICO

Lygia Viégas (NAC e Pós)

“Eleições, marqueteiros, ideologia, rede globo, Neoliberalismo, angústia e Lula Presidente: O Espetáculo da Democracia Brasileira”

Recentemente, na 17ª Mostra do Audiovisual Paulista, houve o lançamento do videodocumentário “O Espetáculo Democrático”, dirigido por Guilherme César, jovem diretor em audiovisual, estudante daqui da ECA.

Esse documentário traz uma interessantíssima reflexão a respeito dos 15 últimos anos da história política brasileira, tendo as últimas eleições e a posse do Presidente Lula como pontos de partida.

No decorrer do documentário, entrecruzam-se ricos depoimentos de populares e das mais variadas “personalidades” do nosso país: Fernando Collor de Mello, Fernando Henrique Cardoso, Vera Loyola, Gilberto Gil, Heloísa Helena, João Pedro Stédile, José Arbex Junior e muitos outros. Também são apresentadas cenas das campanhas para as últimas quatro eleições presidenciais (incluindo os bastidores da campanha de Lula em 2002), quando transparece de forma quase grotesca a influência do marketing político nas decisões do pleito no Brasil.

Ou seja, bom pra caralho!!!

Mas por que falo isso tudo assim, nesse tom de quem está fazendo o ‘marketing’ do vídeo?

É só porque esse documentário será apresentado na próxima reunião do NAC, dia 17/03! Pretendemos, depois, discuti-lo com o diretor do documentário, que estará presente na exibição.

Mas atenção!

APESAR DE ESTARMOS REALIZANDO ESSA ATIVIDADE NO HORÁRIO TRADICIONAL DO NAC - quarta-feira, às 12 horas – O VÍDEO NÃO SERÁ APRESENTADO AQUI NA PSICO, MAS NO AUDITÓRIO DA FEA!!! SÓ PORQUE LÁ PODEMOS DISPOR POR UM ENORME TELÃO, COM EXCELENTE QUALIDADE DE SOM!

ENTÃO, NÃO DEIXEM DE IR!!! VOCÊ NÃO PODE PERDER!!!

O Bloqueio das Sociedades

De Henri Lefebvre (1972), enviado por Renato (02) e Carla Bernava (C. Sociais)

“Vivemos em sociedades bloqueadas; bloqueio da imaginação, bloqueio do pensamento.... Sociedades bloqueadas e bloqueadas em escala mundial... Não é a sociedade, mas a revolução que está bloqueada, e junto com ela, a imaginação social. Para salvar este mundo invisível, teórico e prático, haverá que colocá-lo todo em movimento, haverá que rediscutir tudo: conceitos, concepções, a filosofia, a história, a análise e as perspectivas desta sociedade e inclusive as categorias do pensamento. De momento, ainda temos que escapar ao dilema em que esta situação nos encerra: para mudar algo haveria que mudar tudo, mas por algo terá que começar. Este círculo de impotência que nos leva perpetuamente da parte ao todo e do todo a parte é outro dos efeitos do bloqueio”

Consulta a comunidade

Rubens (01)

A eleição de diretor do Instituto acontecerá na sexta-feira. Como ela é para poucos, chamamos a todos para que expressem suas opiniões nas urnas na CONSULTA À COMUNIDADE que acontecerá na terça-feira e na quarta-feira das 10:00 às 16:00. Assim poderemos mostrar qual a opinião dos estudantes, dos funcionários e dos docentes.

As mulheres sempre se lembram

Patrícia Rabaça (03)

“devoção à vocês, mulheres, que suportam muitas coisas com compreensão.”

Começo citando Busilis. Faço isso não por ele ter seguido meu conselho, mas por ter sido o único a lembrar das mulheres no BOCA da semana da mulher.

Não, eu também nada escrevi, não ganhei flores, nem telefonemas, I e-mail.

Talvez eu já esteja mesmo saturada de lembrar, talvez todas as queridas companheiras de útero já estejam saturadas de lembrar, e é por isso que vou dedicar essas linhas AOS HOMENS QUE SE LEMBRAM.

Principalmente aquele um, desconhecido, que sem ao menos me conhecer, me surpreendeu com seu lindo sorriso e respeitoso aperto de mão!!

PARA "BICHOS" E VETERANOS LEREM (PARTE II) ESCLARECIMENTOS SOBRE AS PLENÁRIAS

Ricardo (pós)

Na edição anterior do BOCA, publiquei algumas reflexões sobre os problemas que nós, alunos da psicologia, enfrentamos neste Instituto, mas alguns pontos permaneceram obscuros. Aceitando o convite do nosso camarada Israel, resolvi esclarecer alguns pontos no que diz respeito à realização das referidas "plenárias".

Uma plenária é uma espécie de assembléia ou tribunal que se constitui no intuito de discutir determinada questão. No caso que nos interessa, o processo tem início com a identificação de um problema de importância para todos os alunos ou um grupo deles. Em seguida o problema é encaminhado ao Centro Acadêmico e, a partir daí, uma plenária é convocada para discutir a questão e encaminhar uma proposta de solução para a instância competente, que pode ser o professor de determinada disciplina, a direção do Instituto, e até mesmo a reitoria. **A convocação da plenária é um processo relativamente simples. O Centro Acadêmico, a partir da denúncia, distribui cartazes por toda a faculdade informando o tema da plenária, o dia, o horário e o local em que será realizada, convocando assim os alunos.**

Convém notar o seguinte: é de suma importância que um número considerável de alunos compareça à reunião, alunos de todos os anos, diretamente interessados ou não no assunto em pauta. Afinal, **os alunos deste Instituto não podem o tempo todo nortear suas ações tendo em vista apenas objetivos imediatos e unicamente de seu interesse direto. Cedo ou tarde, um problema discutido, por exemplo, pelos alunos do terceiro ano, haverá de alcançar os alunos que no momento ainda estão no primeiro e segundo anos.** Por isso mesmo os alunos devem se mobilizar em prol da causa de seus colegas de outros anos visando a um benefício futuro. Claro está que o ideal seria que nos identificássemos sempre com os problemas de nossos companheiros (e professores também), dissessem eles respeito a nós ou não, mas como se trata dos alunos da **Psicologia-USP**, importa sermos realistas, apresentando como motivação não o *dever ser* ético, mas o pragmatismo de um benefício posterior. O que é uma pena e um mal.

As **plenárias** são, portanto, um desses interessantes recursos democráticos aplicáveis ao mundo acadêmico, mas que, tanto quanto a democracia, que não é um sistema perfeito, **as plenárias possuem lá os seus vícios.** Elas podem ser empregadas, indiscriminadamente, para a consecução de benefícios os mais absurdos para os seus proponentes. Eu mesmo já pude notar aqui uma mobilização dos alunos contra um de nossos professores, em que o acusaram de *insuficiência* no domínio do referencial teórico, quando se tratava de alguém acima de qualquer suspeita quanto a isso. A questão dos alunos, nesse caso, era outra... Coisas assim não podem ocorrer. Mas discutamos agora algumas possibilidades de uma justa aplicação das plenárias. Todos aqueles que acompanham as publicações do BOCA já estão familiarizados com as minhas críticas ao Serviço de Atendimento Psicológico (SAP), sobretudo ao seu viés anti-teórico (os calouros logo ficarão sabendo do que se trata, em algum outro número). Pois bem, **poderíamos convocar uma plenária para discutirmos, por exemplo, as carências do referencial teórico do SAP, que não consegue, por conta disso, nos preparar adequadamente para a prática clínica.**

Mas esse problema do SAP está diretamente vinculado a um outro: **à decadência do nível de domínio do conhecimento formal mínimo e indispensável à prática profissional, apresentado pelos alunos deste Instituto.** Em outras palavras: **os alunos de psicologia de hoje são bem mais ignorantes** (penso que eu mesmo deva me incluir aí) **que aqueles de 10 anos atrás.** A decadência da cultura e da educação formal (assunto tão repisado que até me dói ter que repetir esse clichê) ao atingir a todos, já nos alcançou há tempos e não a percebemos. E se a percebemos, resolvemos compactuar com ela. **Eis aí uma excelente pauta para outra plenária (retornarei ao ponto em um próximo número, aguardem).** Considerando isso, critiquemos nossos professores, mas percebamos nossas insuficiências, que não são poucas. Só assim poderemos reclamar com justiça.

Porém, nada disso funcionará se os alunos deste Instituto não pararem de perseguir, irracionalmente, apenas objetivos imediatos e individualistas. Espero que os "bichos" deste ano possam nos ensinar, a nós veteranos, aquilo que deveríamos ter aprendido muito antes. E que vocês calouros possam corrigir os nossos erros ao invés de esperar por nós, porque talvez já estejamos por demais habituados à "ordem das coisas". Fica aqui o meu recado a todos e ao CAII.

COMISSÃO ORGANIZADORA DO BOCA

Fernanda (03), Guilherme Gibran Pogibin (98), Jonas Boni (02), José Israel Guedes Rodrigues (01), Paulo Szysko Pita (03), Patrícia Rabaça (03), Roberto Lustosa de Andrade (02) e Tânia Lisboa (03)

Diagramação: Jonas Boni (02)

O BOCA publica texto com autoria identificada, recebido no boca@yahoogrupos.com.br até às 12h do domingo, observando-se a ordem de seu recebimento. Limite máximo de 5000 caracteres (inclusive espaços) e o formato Word.doc. A responsabilidade pelas opiniões e informações publicadas é inteiramente dos respectivos autores.

A C. O. do BOCA reúne-se semanalmente na terça-feira às 13h e 30min.



Diário de Adriano

Meis: a espera

Frederico Dentello (92)

Todos os dias, acordo com a luz do Sol que passa pelas frestas da janela. Abro as folhas para ver o tempo e saber como será o dia. Vai fazer calor, como foi na lua nova e como será nos próximos dez mil meses. Pelo menos as chuvas estão enfraquecendo, quase posso ver as praias se formarem no rio mais uma vez, e mais uma vez chegarem os turistas para as festas noturnas e os bares onde as mesas de metal ficam com os pés n'água e os amigos, da mesma forma, aproveitam a cerveja gelada e o peixe frito que pouco antes estava escondido na corrente cor de terra. Mas vejo o futuro, só teremos esse lazer daqui a semanas. Antes teremos as festas dos santos milagreiros, que enlaçam os homens às iaras em sagrado matrimônio e libertam os escravos nas histórias magníficas, atividades contraditórias que nem toda a teologia do padre consegue explicar.

O rio fica à distância de um cigarro. Nesta época, o tamanho dos barcos que nos ligam às cidades vizinhas diminui à medida que aumenta a altura das margens. Logo terei de usar as escadas para receber os livros encomendados ou partir para a escola onde ganho o pão, do outro lado, na ilha. Penso em como pode ser o mundo fora daqui. Tenho dele o conhecimento de muitas paisagens imaginárias. Certa vez recebi um cartão-postal da cidade grande, uma estátua em bronze suja e esverdeada numa praça antiga com nome religioso. Parecia profana demais para estar ali. Como será viver todos os dias com essa visão? Metal, concreto, pedra e fuligem. Eu poderia sonhar com isso. Percorrer as ruas, aprender com os pés os caminhos que tanta gente deve usar para correr aos seus amores ou obedecer ao patrão, reconhecer o que posso ter vivido ali e que tinha se perdido entre lembranças mais urgentes. É hora de tomar café.

DIPLOPIAS 1

Eduardo Nasser (PUC)/ Patrícia Rabaça (03)

FELIZ ANIVERSÁRIO DUDU!!

É delicioso escorregar no rastro de uma serpente negra e enlouquecida, não? Acompanhando seus zigue zagues, vamos inevitavelmente rebolando ao som da fúria. Ora, se abro a boca um vento estranho sai correndo e a corta. Se abro os olhos um movimento espiralado o sujeita a ultrapassar o limite e se alagar em um choro pastoso. Um choro de boi.

É assim que, ultimamente, venho vivendo. Cercado por essa "zoo-logia" e sendo mais "ele" que aquela camisa de força do espelho (esse asco ocidental). Só ele pode cerrar os punhos e parar. Só ele devasta o mundo com um único olhar, abaixo de uma luz tingida de cinza onde pequenas famílias de insetos circulam sem muita objetividade. E do cinzeiro cai uma larva (Era sua casa). Ele então pensou: "que lugar fantástico para se viver!"

É só para ele que o piano toca o som ,o convocando para assistir uma marcha de leopardos da janela. Não pensando mais em melhorar. Não há mais nada para se melhorar. É "ele" que, ora te toca com um dedo de fogo e cauteriza sua pele com uma cicatriz viva, vibrante (um animal circulando em busca de mais comida), assim como é "ele" também esse canalha mentiroso que finge dormir na beira da estrada. Ele é ninguém. Sabe de quem vc lembrou o aniversário? DE NINGUÉM.

Sabe esse cara que esteve vivo na sua boca em um domingo de novembro? Então, ELE É NINGUÉM. É essa imagem que vc guarda com carinho ordinário?

NÃO HÁ IMAGEM ALGUMA! É UM GAZ! UM VAPOR! ALGO DE FUGIDIO E FANTASMÁTICO!

Não há nada, nada, mais fascinante que ser uma cinza, um ninguém na vida de alguém. Não há nada mais fascinante que grunhir para ela sem se importar com as etiquetas da mesa. Em rir com ela como o diabo, seja de uma lei, dos votos, da esperança. Por tudo isso é quase um pecado capital a timidez, sabia ?

Sobre o beijo - Escondido?! Claro! Só os cretinos beijam ao sol. O beijo, o único beijo, o último beijo, só pode ser alcançado após a queda dessa cortina negra. Na esquiva da noite. Após o palco se tornar o lugar mais inútil da terra.

OK?!

Deusa do amor

João Rodrigo I. Matsumoto (03)

**Inocência de uma criança,
Nos olhos um brilho dourado.
Desejo na forma de esperança,
Nos lábios um mel cobiçado.**

**Persistência de uma vencedora,
No sorriso um mar de flores.
Envolvente e sempre encantadora,
No carisma um arco-íris de cores.**

**Seu coração irradia a intensa
paixão
Em forma de poderosa energia,
E o amor em forma de magia.**

**Sua alma transborda a sincera
emoção
Com uma letra que transmite
ousadia,**

**Na romântica canção e sua linda
melodia.**

O peixe grande de hoje era pequeno ontem

Renato (01)

“Vem de longe e promete não ter fim a guerra entre pais e filhos, a herança das culpas, a rejeição do sangue, o sacrifício da inocência”¹. Se disser que não falo de mim, estarei sendo hipócrita. Venho, no entanto, percebendo em muitas pessoas da minha geração situações semelhantes às seguintes. Ainda esses dias, estava na casa de uma conhecida quando, durante o jantar, ela e sua irmã desandaram a apontar uma série de erros que a mãe teria cometido enquanto as criava. A mãe, que vive se queixando da falta de reconhecimento das filhas, em determinado momento baixou a cabeça e, num tom pesado, disse: “Desculpem-me se errei”.

Anos atrás, em um passado não muito distante, era inadmissível julgar ou pôr à prova as atitudes dos pais – eles estavam sempre certos, os costumes da época eram justificativas necessárias e suficientes. Ultimamente, entretanto, observa-se uma saraivada de equívocos cometidos pelos pais, quer relacionados ao próprio casamento, quer à criação que empreenderam. É certo que boa parte das críticas estão a serviço do comodismo: é fácil atribuir aos pais a responsabilidade por questões que muitas vezes não lhes dizem respeito. A despeito disso, não menos verdade é o fato de grande parte da juventude dos dias de hoje reunir condições para, se não romper com, ao menos identificar os erros dos pais.

Outra vez, estava numa balada na praia e ouvi uma conversa entre dois irmãos. O mais novo, de vinte anos, estava com dificuldades em abordar uma menina de uns dezesseis e, o que todos da turma sabiam, que estava super a fim dele. Conheço um pouco melhor a história da família desses meninos e concordo com a observação que o mais velho, um pouco alcoolizado, fez ao irmão: “Pô... Como nossos pais erraram”, espantado, o mais novo emendou: “Você está dizendo que eles têm alguma coisa a ver com isso?”, ao que o mais velho, e agora com um pouco de exagero, respondeu: “Tudo!”.

Em uma época em que muito se perde para se ganhar pouco, sejam talvez um ganho as condições que os jovens adultos de hoje conseguem reunir para, criticamente, avaliar as próprias feridas, que costumam remontar a seus ascendentes. Trata-se da mesma juventude que se comunica com pessoas de diversos países por meio da internet, vive a perversidade de uma realidade virtual onde aparentemente muito se oferece e pouco se consoma, é compelida a consumir a qualquer custo e, enfim, tanto se aliena frente ao mundo em que vive. Mas que, por outro lado, frequenta psicanalistas – no próprio consultório ou em artigos de revistas e jornais –, parece disposta a ser mais sincera com seus filhos, pretende tomar decisões sem se pautar em mesquinhas falsas-morais e está convencida de que não pode dar conta de tudo.

O conflito entre o que os pais são e o que se gostaria que eles fossem se exacerba nos dias de hoje: os jovens demoram cada vez mais a ser absorvidos – quando o são – pelo mercado, o que prolonga a vida adulta – mais esclarecida – dependente dos pais e dificulta o derradeiro corte no cordão umbilical. Nos tempos em que se saía da faculdade já empregado, o auge dessas questões coincidia com a independência financeira. Hoje não é bem assim...

Mas e daí? De que adianta tal percepção? Seremos realmente capazes de fazer diferente? Já vinha pensando neste curto ensaio há algumas semanas quando fui assistir no cinema a *Peixe Grande e suas Histórias Maravilhosas* (*Big Fish*, 2003), de Tim Burton. Antes de continuar, tranqüilizo os que ainda não assistiram: não darei uma de estraga-prazeres ao contar passagens do filme. Mas endosso desde já a indicação: vale muito a pena! As histórias, *maravilhosas*, são do pai para o filho, que no começo da vida adulta percebe conhecer apenas um pedaço pequeno de seu pai e se frustra. A verdadeira história teria sido encoberta pela fantasia, transposta para a tela por meio dos belos efeitos especiais de Burton. O filme mostra, então, o momento em que pai e filho se reaproximam.

Pois bem, de imediato o filme parece uma resposta acachapante às minhas indagações. Explico. O italiano Luigi Pareyson criou a noção de estética da formatividade, que concebe as obras de arte como organismos que têm vida própria e são dotados de legalidade interna, e que propõe uma concepção dinâmica da beleza artística. Nesse sentido, a arte é um *fazer*, dotado de vida própria, que por sua vez se perfaz no encontro da obra com o espectador. Quer dizer, e agora para Merleau-Ponty, é o trabalho do espectador o que leva efeito à operação expressiva.

Portanto, seria um clichê a esta altura afirmar que *Peixe Grande* remete o espectador às próprias relações com os pais, tios, filhos, avós... E que cada um, ao lidar com essas relações, imprime ao filme toda sua potencialidade artística. Ou seja, o que muitas vezes se julga erro dos pais, ao ser retomado por quem assiste ao filme, é capaz de conferir a ele rara beleza artística. E, inversamente, o que é contado na tela faz-nos perceber a beleza única das histórias *equivocadas* de nossos pais.

Certo. Mas e a conquista da juventude de hoje em perceber e apontar onde os pais erraram? Talvez seja mesmo uma das poucas conquistas dessa juventude tão achincalhada – com justiça – devido à apatia em diversas situações. Pode ser, só o tempo irá mostrar, que as barreiras psicológicas estejam perdendo progressivamente espaço para as limitações sociais. Ou seja, os jovens de amanhã não mais atribuiriam seu insucesso às falhas dos pais, mas exclusivamente à sociedade como um todo, que, diga-se de

passagem, ajudaram a construir. Como em um ciclo, os pais voltariam à infalibilidade...

Daí, quando o estudante universitário de cinema, que hoje sonha com seu grande projeto, puder amanhã finalmente contar com recursos astronômicos (de origem bastante questionável) e fizer um filme que retrate fielmente as histórias maravilhosas da tão criticada sociedade, os jovens sairão do cinema um pouco envergonhados das pessoas que formarem a longa fila para a próxima sessão, em virtude das lágrimas que insistirem em escorrer-lhes dos olhos. Mais ou menos como me senti ao deixar, com meu pai, a sala em que assistimos a *Peixe Grande e suas Histórias Maravilhosas*.

(Footnotes)

¹ Saramago, J. (1991).

O Evangelho Segundo Jesus Cristo

. São Paulo, Companhia das Letras, 2001, p. 74.

Discussão das diretoráveis

Rubens (01)

Na segunda-feira dia 08 de março as candidatas a diretoria do Instituto de Psicologia. Todas pareciam bem dispostas e a sala Aurora estava lotada. Aí vai um breve relato da abertura e das respostas mais significativas às perguntas dos alunos e funcionários. É uma visão pessoal do que aconteceu lá. As perguntas que eu não considerei respondidas de forma relevante não foram reproduzidas. Edwiges contou sua trajetória. Tem experiência em avaliações, o que poderia ajudar a melhorar o instituto. Tem carinho por alunos de iniciação científica e promete lutar por mais bolsas. Quer dar continuidade ao novo bloco que ficará pronto sem uma parte da estrutura brigando por mais verba. Maria Helena Patto reconheceu que não queria a princípio ser diretora. Nunca ocupou cargo de diretora ou chefe, o que não considera falta de dedicação. Devido ao seu estilo, escolhas pessoais e pela experiência aqui no instituto o cargo ficou aversivo. Acha que uma diretora não pode ser messiânica, indo na contramão da vontade da maioria. Não quer trazer projetos de causa própria mas pretende trabalhar com. Não vê a Universidade apenas como lugar de desenvolvimento da ciência e da técnica, mas como espaço de luta contra a exclusão social. Zélia conta que já foi diretora e que é importante o intercâmbio com a reitoria. Pretende construir uma "ágora" dos psicólogos, um lugar informal de troca intelectual e cultural. Admite ter traços autoritários.

Curso Noturno

Patto - a favor com alguns cuidados

Zélia - teme que os estágios sejam prejudicados

Edwiges - Lembra que os professores que já são, serão ainda mais sobrecarregados

Pesquisa

Patto - Só é possível crescer fazendo pesquisa. Deveria existir critérios específicos para pesquisa nas ciências humanas. Atualmente os pareceristas são muito ruins. Financiamento e pesquisa também são política.

Zélia - Concorda que os pareceristas estão muito ruins, mas ressalta que os pesquisadores deveriam publicar mais resultados parciais.

Fundações

Edwiges - Reforma Tributária resolveria a questão do dinheiro da USP e promete lutar e discutir isso

Patto - A princípio é contra

Zélia - Lembra que existem de vários tipos mas teme que ao abrir para uma, acabe abrindo para todas

Extensão

Patto - Defende que se crie mecanismos de indissociabilidade entre ensino pesquisa e extensão

Zélia - Não responde ("Não fala do que eu não entendo")

Questão dos técnicos (desvio de função, dificuldade para repor material, avaliação)

Patto - Técnicos são desmobilizados. Há distinção entre trabalho braçal e intelectual. Acha que todo trabalhador merece as melhores condições de trabalho.

Zélia - Falta um projeto claro para os técnicos.

Por aqui termina minha descrição, se alguém tiver outra se manifeste.

AMOR DE ÍNDIO

Ah, como foi bonito

Conhecer a bela capital

Do Paraná.

É, eu e minha índia

Fomos conhecer a capital,

Que é tão falada.

Andamos pelo centro.

Juntos, nós apreciamos

Tudo o que víamos.

No passeio público andamos,

E ficamos vendo os animais

E o povo que nos olhava.

Às vezes, eu beijava

A minha índia,

E o povo ficava olhando.

É, eu achava esquisito.

Não sei por que ficar olhando.

Índio também ama.

Poema enviado por José Israel (01) e retirado do livro "500 Anos de Angústia", de Olívio Jekupé, indígena Guarani-Mbya, da Aldeia Crucutu, assistida pelo Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social do IPUSP.

Sobre veteranos e cachorros

Joãozinho (sem turma) — Rubens (01)

Olá bixos, essa é a hora de conhecer mais uma personagem dessa distinta fauna do Instituto de Psicologia. Esse freak, particularmente, não tem uma turma definida (vê se pode uma coisa dessas); não resolveu seu complexo de Édipo e fica falando durante as aulas ao invés de ficar como manda a boa educação; quando entrou na faculdade achou que ia ser o único homem no meio de um harém, apesar de ter namorada. Nada comum nessa faculdade, Joãozinho quando veio recepcionar os bixos pela primeira vez estava empolgado. Estava tranqüilo porque a Psico era tranqüila, não se costuma humilhar os calouros nessa faculdade, tudo não passa de comemoração e integração. A princípio, os novos chegam com medo, vão entrar no ambiente estranho, há muita possibilidade de hostilidade, não sabem como serão recebidos. Ah sim, para quem assistiu Dogville de Lars Von Trier pode parar por aqui, sabe do que se está falando, quem não, é um filme mais que recomendado.

Os assustados logo se tranqüilizaram ao ver que tudo não passava de substâncias tóxicas de difícil remoção no ouvido (contra a vontade) e algumas tesouradas. Claro que todos devem se submeter a isso, quer dizer, todos devem participar. São marcados os que respondem as ordens; não que eles sofram alguma retaliação, só são menos queridos que os outros e não irão mais conversar com ele. Como são muitas as risadas e como quem manda no lugar não questionou sua entrada, o novo integrante do grupo vai para casa sonhando com a semana seguinte em que, segundo os cronogramas, participará de gincanas, festas e brincadeiras.

O clima de alegria é contagiante Há, como em tudo no mundo e na humanidade, uma hierarquia a ser seguida, mas quem iria questionar que quem chega é menos do que quem está. Ninguém obriga ninguém a nada, insistir pode, mas é tudo brincadeira. Como bons meninos fazem o que seus veteranos indicam, é mais cômodo quando tem quem fale o que fazer quando estamos perdidos ou não temos opinião formada a respeito, né? Assim a semana mais esperada passa. Os bixos (como o nome já diz) são amarrados, ridicularizados em apresentações com uma multidão que assiste e em aulas falsas que mostram o quanto são burros. Pagam uma grana por uma pastinha para ajudar os veteranos, como também suas cervejas. Sem aviso prévio são levados a pedir esmola num dos países mais desiguais do mundo, mas conseguem mais dinheiro que os pobres. Até pra pedir esmola, quem tem mais grana leva vantagem afinal, todo mundo sabe que quem é vagabundo usa o dinheiro para pinga.

Estão finalmente integrados, muito fácil numa faculdade tão tranqüila. Os veteranos mostraram como as coisas funcionam. Esperam sair do lugar de menos com a chegada do ano seguinte. E aí será uma alegria generalizada. Joãozinho mal pode esperar... Apesar que foda-se o Mackenzie anda meio repetitivo e sem sentido.

REVALORIZAÇÃO DA SERPENTE *

Hosana à serpente que amorosa
revelou ao primeiro homem os mistérios
doces da maçã!

Sem sua revelação, que teria sido
da vida de Adão e Eva?
As flores do Éden, sem o amor,
não teriam perfume,
nem as frutas teriam delicioso sabor,
nem o rio cantaria sua canção de cristais,
nem as aves seriam trovadoras da aurora.
E, como é lei divina que o pó volta ao pó,
Eva e Adão morreriam
não por doença
e sim por fastio.
A humanidade teria acabado
e a terra seria, flutuando no espaço,
uma terrível solidão, de novo.

Não terminou o Éden por causa da serpente,
porém, nasceu por ela.

DIÁLOGO SEM VOZ *

Sentados dentro do trem
ficamos frente a frente.
Seus olhos e os meus mantiveram
um diálogo de espantos, sem voz.
Nem para nos despedirmos
usamos a palavra.

Durou nosso colóquio
as duas horas da viagem.
Não sei o que me disse.
Tão-pouco sei aonde foi nem onde está.
Porém, os tradutores do silêncio
um dia me dirão
quantas palavras belas podem dizer os olhos de alguém que sobe ao trem,
olha-me uns instantes,
desce e se vai.

* Tradução livre, feita por José Israel (01), em 12.03.04, de "Revaloración de la serpiente" e "Diálogo sin voz", in "Eros en tres tiempos", de Jesús Orta Ruiz, cubano, Prêmio Nacional de Literatura de 1995

Lembranças da Iara - Centro Acadêmico Iara Iavelberg

Reunião do C.A.

Atendendo a pedidos de que a quarta-feira estaria sobrecarregada de coisas interessantes, decidimos um novo horário de reunião do C.A. Às segundas-feiras ao meio-dia. São todos bem-vindos para esclarecimentos, reclamações, discussões, sugestões e muita simpatia dos membros (que brega!)

Diretora

Terça e quarta dessa semana será a consulta aos alunos professores e funcionários sobre a eleição a diretoria do instituto que vai ocorrer na sexta. É importante que todos participem para que os representantes saibam qual a opinião dos alunos a respeito. O cargo é de quatro anos.

COREP

É o Conselho Regional dos Estudantes de Psicologia de São Paulo. Estudantes do Estado inteiro se reúnem para discutir questões relativas a psicologia e para se divertir muito. O próximo será em Ribeirão Preto nos dias 27 e 28 de março e o C.A. banca a passagem dos interessados.

Projetos de Extensão

Estão sendo feitas visitas nesse mês para que os calouros (e também os veteranos) conheçam alguns projetos de Extensão em curso na Universidade que atua em locais como o Movimento de Moradia do Centro e a Universidade do MST. Datas e horários com o Mário

Grêmios da Saúde

Tentativa de comunicação e colaboração entre os cursos relacionados a saúde aqui da usp. A última aconteceu na psico e foi discutida a história da Saúde Pública no Brasil.

Roubo

O C.A., depois do churrasco dos bixos e antes de segunda-feira foi arrombado. Destruíram os armários da Val e roubaram um dinheiro considerável. Antes das aulas começarem o mesmo tinha acontecido com a sala dos armários no fim do corredor.